

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**O PAPEL DA BELEZA NA POESIA MODERNISTA
NORTE-AMERICANA**

SÃO CRISTÓVÃO

2022

RUTH EVELY DOS SANTOS

**O PAPEL DA BELEZA NA POESIA MODERNISTA
NORTE-AMERICANA**

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), apresentado ao curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amália Vargas Façanha

SÃO CRISTÓVÃO

2022

O PAPEL DA BELEZA NA POESIA MODERNISTA NORTE-AMERICANA¹

RESUMO

Este artigo aborda o conceito de Belo na antiguidade grega e na modernidade, no poema “*In a station of metro*”, do escritor modernista Ezra Pound. A análise envolve autores que contribuíram para a discussão sobre o tema, tais como: Nougé (2010); Santos (2017), dentre outros, os quais trazem em suas reflexões autores como: Baudelaire, Immanuel Kant; Tomás de Aquino, bem como os filósofos Aristóteles e Platão. Este estudo traz uma breve análise do poema citado, tendo como objetivo geral, buscar uma possível interpretação do poema e sua relação com o conceito aqui estudado, sob a perspectiva da visão modernista sobre o Belo e das características específicas do contexto histórico e social dos Estados Unidos pós-guerra. Trata-se de pesquisa bibliográfica (GIL, 2010), de natureza qualitativa. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa. A pesquisa justifica-se por sua relevância teórica, pois por meio da revisão bibliográfica, entendemos ser possível observar a permanência do belo como objeto de estudo, abrindo caminhos para outras aplicações e análises.

Palavras-chave: Beleza; Modernismo Norte-americano; Poesia.

ABSTRACT

This article addresses the concept of Beauty in Greek antiquity and modernity in the poem “*In a station of metro*”, by the modernist writer Ezra Pound. The analysis involves authors who helped support the discussion on the subject, such as: Nougé (2010); Santos (2017), among others, who bring in their reflections authors such as: Baudelaire, Immanuel Kant; Thomas Aquinas, as well as the philosophers Aristotle and Plato. This study presents a brief analysis of the cited poem, with the general objective of seeking a possible interpretation of the poem and its relationship with the concept studied here, from the perspective of the modernist view of Beauty and the specific characteristics of the historical and social context of the postwar United States. This is bibliographic research (GIL, 2010) of qualitative nature. The research is justified by its theoretical relevance, because through the bibliographic review, we understand that it is possible to observe the permanence of beauty as an object of study, opening paths for other applications and analyses.

Keywords: Beauty; North-American Modernism; Poetry.

¹ Ruth Evelyn dos Santos, graduanda em Letras Português/Inglês na Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: ruthevely2000@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscará analisar o papel da beleza em uma obra de um poeta modernista norte-americano Ezra Pound. o poema “*In a station of metro*”. Para tal, abordaremos a origem e evolução do conceito de Belo na arte, e mais especificamente, como esse conceito se faz presente na obra que será objeto desta análise. Propõe-se observar quais modificações esse conceito sofreu na modernidade e como elas podem ser percebidas na poesia. Buscaremos analisar a poesia modernista citada, do estadunidense Ezra Pound, autor da chamada *Lost generation of writers* como ficou conhecida a geração de escritores norte-americanos que viveram durante a Primeira Guerra Mundial e durante a crise que a sucedeu. Segundo Morton (2020), o termo refletia as características principais dessa geração:

A frase “geração perdida” descreveu a desilusão sentida por muitos, especialmente intelectuais e artistas, após a morte e carnificina da Primeira Guerra Mundial. A perda da crença nos valores e ideais tradicionais levaram muitos que atingiram a maioridade durante a Primeira Guerra Mundial a se tornarem hedonistas, rebeldes e sem rumo – “perdidos”. Esse cinismo e desilusão definiram o cenário literário e criativo da década de 1920. (MORTON, 2020, tradução nossa)²

O nome foi retirado de uma carta da escritora Gertrude Stein endereçada ao também escritor, Ernest Hemingway. Stein usa o termo *Lost Generation* para se referir a ele e a sua geração, por ser um dos jovens que retornaram da guerra e se encontravam “perdidos”, como Morton (2020) descreveu no texto citado acima. A marca da geração é percebida pela produção artística que abordava constantemente os temas: falta de propósito e desilusão.

A relevância pela escolha de análise da poesia proveniente dessa geração encontra sua justificativa na seguinte afirmação de SCRUTON, 2013 p. 120:

As obras artísticas são significativas, e não apenas formas interessantes das quais usufruímos sem nenhuma explicação. Elas são atos comunicativos que nos transmitem um significado - e esse deve ser compreendido. (SCRUTON, 2013 p. 120).

A análise terá como objetivo principal aplicar o conceito estudado, ou seja: identificar a presença do elemento da beleza existente no poema escolhido, e de que

² The phrase “lost generation” described the disillusionment felt by many, especially intellectuals and creatives, after the death and carnage of World War I. The loss of faith in traditional values and ideals led many who came of age during World War I to become hedonistic, rebellious, and aimless — “lost.” This cynicism and disillusionment defined the literary and creative landscape of the 1920s. (MORTON, 2020)

forma ele pode ser percebido no poema modernista, objeto desta investigação. Além desse foco central, buscaremos entender seus significados e/ou possíveis interpretações do poema.

Tendo em vista que a arte sofreu diversas mudanças no decorrer da história, percebe-se que os conceitos sobre ela também apresentam mudanças ao longo do tempo, por isso será feita uma abordagem referente às modificações do conceito de beleza. Propõe-se uma revisão literária do conceito de beleza na antiguidade grega em contraste com o mesmo conceito sendo abordado por escritores modernistas e aplicado às suas poesias.

A pesquisa justifica-se por sua relevância teórica, uma vez que pensa a arte com uma perspectiva crítica embasada em conceitos atemporais, pois por meio da revisão bibliográfica será possível observar a permanência do belo como objeto de estudo e análise; dessa forma, tem-se uma abordagem literária e filosófica ao aplicar o conceito à obra, abrindo caminhos para outras aplicações e análises. Outrossim, ressalta-se a importância de se pensar a arte, compreender seus significados e apreciá-la.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a origem e mudanças do conceito de Belo na arte e, mais especificamente, como esse conceito se faz presente na poesia modernista "*In a station of metro*", de Ezra Pound, escritor norte-americano do século XX. Para atingir esse objetivo, foram definidos como objetivos específicos: destacar as mudanças no conceito de beleza, comparando a antiguidade grega com o modernismo; identificar como as mudanças podem ser percebidas na arte literária; analisar poemas modernistas à luz do conceito apresentado.

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, tratando-se de uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2010), buscando-se destacar a evolução do conceito central desta pesquisa: o belo. Para tal, apresentamos elementos referentes a como se entendia a beleza na antiguidade grega; quais parâmetros eram estabelecidos para se considerar algo belo; e como isso pode ser evidenciado através das teorias dos filósofos Platão e Aristóteles. Além disso, outros filósofos são mencionados, os quais contribuíram para o tema, sob a perspectiva de diferentes contextos históricos, como Immanuel Kant e Tomás de Aquino.

Os aspectos analisados na poesia são a presença do belo na composição, seus possíveis significados e interpretações. significado e possível interpretação. A escolha por esse poeta modernista, Ezra Pound, teve influência das experiências em sala de aula

durante a graduação, quando foi possível ter contato com a poesia modernista e a *Lost Generation of American Writers*. O poema escolhido apresenta características comuns à sua geração, como por exemplo, o uso da linguagem simples e uso de elementos do cotidiano.

2. O CONCEITO DE BELO: DA ANTIGUIDADE GREGA À MODERNIDADE

É possível afirmar, em conformidade com a bibliografia apresentada, que o conceito de beleza, tendo suas primeiras menções na antiguidade grega, sofreu alterações ao longo da história. Segundo Nougé (2010), na Grécia antiga se acreditava que o belo estava relacionado a números e proporções; e isso explica o porquê de as esculturas obedecerem a certas dimensões, pois seus elementos deveriam ser proporcionais para serem considerados belas e apreciáveis. O mesmo autor afirma que Platão entendia o belo como algo além do visível; assim, entende-se que o “verdadeiro ser” é formado pela realidade inteligível, que só pode ser captada pela inteligência. Em outras palavras, trata-se do conceito como algo “metafísico”, que não poderia ser conhecido apenas pelos sentidos.

Qual é a causa de uma coisa ser bela? Para responder a isto, um filósofo pré-socrático invocaria elementos meramente físicos: cor, traços, figura etc. Todavia, afirma Platão, essas não são verdadeiras causas, mas apenas “concausas” ou causas mediatas. É preciso, por conseguinte, postular a existência de uma causa anterior e mais elevada, que, para ser verdadeira causa, há de ser não-sensível. Há de ser inteligível. Tal causa é a Idéia ou Forma do Belo em si, a qual, mediante a sua participação ou a sua presença, ou, ainda, mediante certa relação de determinação, faz as coisas empíricas ser belas; em outras palavras: faz as coisas realizar-se segundo certa cor, medida e proporção convenientes e precisamente adequadas a que sejam belas. (NOUGÉ, 2010 p. 2)

O filósofo grego Aristóteles possuía uma visão semelhante sobre o belo, mas divergiu de Platão sobre o papel da criatividade no processo de criação da arte, que em Platão era vista como dispensável uma vez que a arte deveria ser apenas uma imitação. Como explica Garcia e Veloso (2011), Aristóteles definiu a mimese como: “um momento único de intercâmbio, em que o artista tem a chance e o poder de acrescentar algo ao real. Por isso, nesse novo contexto, a mimese não é pura imitação, mas criação que envolve iniciativa e criatividade.” (GARCIA; VELOSO, 2011, p. 201)

Somado a isso, sobre a antiguidade grega, Santos (2017) destaca:

Para os clássicos, havia, na poesia, um modelo a seguir e a

originalidade não fazia parte da criação. Importava seguir os parâmetros dos grandes poetas, ou seja, o poeta era mais artesão que criador, pois podia usar sua criatividade, desde que não saísse do padrão até então estabelecido. (SANTOS, 2017, p. 2)

Diante dos textos acima mencionados, é possível observar que ocorreram modificações no que se acreditava ser a beleza na arte. Além da antiguidade grega e da modernidade, outros teóricos que contribuíram para o conceito podem ser mencionados, a exemplo:

Há uma antiga opinião segundo a qual beleza é objeto de um deleite sensorial, e não intelectual, sendo sempre necessário, portanto, que os sentidos participem de sua apreciação. Desse modo, quando a arte tomou ciência de si no início do século XVIII, atribuiu a si mesma o nome de "estética", advindo do grego *aisthesis*, "sensação". Ao escrever que o belo é aquilo que agrada imediatamente e sem conceitos. Kant encheu de adoração filosófica essa tradição de pensamento. Também, Tomás de Aquino, na primeira parte da *Summa*, parece ter adotado essa ideia, definindo o belo como aquilo que é agradável ao olhar. (SCRUTON, 2013 p. 32)

Outros autores discorreram sobre esse conceito, levando em consideração a perspectiva dos filósofos mencionados no texto supracitado. Como exemplo, Garcia e Veloso (2011), afirmam que na visão de Tomás de Aquino, a beleza estaria ligada com o bem, e o Cristianismo via a beleza como um todo harmonioso que tem relação com a perfeição de Deus como criador. Kant, por sua vez, acreditava que o belo está relacionado com o sublime no sentido de agradar e de serem subjetivos. Assim, a beleza seria uma característica do objeto em si, enquanto o sublime seria o sentimento despertado pelo objeto. Somado a isso, Scruton (2013) acrescenta:

Além disso, uma coisa é certa no raciocínio de Kant: a experiência da beleza, tal qual o juízo que ela emite, é uma prerrogativa dos seres racionais. Apenas criaturas como nós, com linguagem, autoconsciência, razão prática e juízo moral, podem se voltar para o mundo com esse olhar alerta e desinteressado, de modo a apropriar-se do objeto apresentado e aprazer-se nele. (SCRUTON, 2013, P. 42)

A partir da perspectiva Kantiana citada pelo autor, é possível compreender que se afirma que algo é belo quando sentimos prazer no ato de contemplação outrossim, a habilidade do “olhar alerta e desinteressado” é exclusiva dos seres racionais que podem se comunicar e compreender o significado do que está sendo comunicado. Em conformidade com essa visão, Garcia e Veloso (2011) destacam:

Segundo o filósofo prussiano, o belo e o sublime têm em comum a característica de agradar por si mesmos, de maneira desinteressada, universal e necessária, uma vez que são por excelência subjetivos. A diferença está no fato de que o belo diz respeito à particularidade de

objeto em sua relação com o sujeito, e essa condição torna-o realmente limitado, ao passo que o sublime também diz respeito ao supra-sensível, que é informe e que, como tal, implica a representação do ilimitado. Dessa forma, o objeto não é sublime, mas desperta o sentimento do sublime, ou seja, somos induzidos a projetar no objeto a ideia de sublime que ele fez despertar em nós. (GARCIA e VELOSO, 2011, p. 205)

Os mesmos autores acrescentam: "Kant atesta que o belo não existe de maneira objetiva nas coisas, mas é fruto da relação entre sujeito e objeto. [...] Kant diz que o juízo estético é fruto do livre jogo das estruturas cognitivas e da imaginação." (GARCIA e VELOSO, 2011) Os autores concluem que o belo é aquilo que suscita prazer, ou algum tipo de satisfação, ao ser contemplado e que a arte tem a característica de transmitir significado. Assim, podemos afirmar que a arte leva à reflexão sobre a condição humana.

Scruton (2013, p. 35) conceitua o belo de forma semelhante: "Declaramos que algo é belo quando sentimos prazer ao contemplá-lo por si só, na qualidade de objeto individual e na forma em que se apresenta." Ele acredita que a beleza possui fundamentos racionais. Isto exemplifica-se dessa forma:

Quando leio um poema, meu prazer depende tão somente do meu interesse por ele, por aquele objeto que se encontra diante de minha mente. Outros interesses, é claro, alimentam meu interesse pelo poema: meu interesse por estratégia militar me leva à *Ilíada*, meu interesse por jardins me leva ao *Paraíso Perdido*. No entanto, o prazer que advém da beleza do poema é resultado do interesse por ele, por aquilo mesmo que ele é. (SCRUTON, 2013, p. 39)

Além disso, o mesmo autor defende que a arte precisa transmitir um significado: "As obras de arte nos interessam, em parte, porque representam coisas, contam histórias, expressam ideias e emoções e comunicam significados almejados inconscientemente." (SCRUTON, 2013, p. 77). Dessa forma, o significado presente em cada obra precisa ser compreendido para que a obra seja apreciada, como complementa o mesmo autor: "... as obras artísticas são significativas, e não apenas formas interessantes das quais usufruímos sem nenhuma explicação. Eles são atos comunicativos que nos transmitem um significado - e esse deve ser compreendido." (SCRUTON, 2013, p. 120)

Outro aspecto a ser destacado é que há uma teoria que afirma não ser possível separar forma de conteúdo, segundo ela, como afirma Scruton (2013), não é possível parafrasear um poema e obter o mesmo significado porque a poesia tem vários níveis de significado e isso se dá pela própria sonoridade e outros fatores do poema.

Na maioria das vezes, é possível dizer muito sobre um poema, uma pintura ou até mesmo uma obra musical. Porém, o que vier a ser dito jamais explicará a peculiar intensidade do significado que faz da obra de arte o veículo insubstituível de seu conteúdo. (SCRUTON, 2013, P. 123)

Sobre isso, o autor acrescenta: “Existe o fato de a poesia ser polissêmica, desdobrando seu significado em vários níveis, os níveis da imagem, do enunciado, da metáfora, da alegoria, etc.” (SCRUTON, 2013, p. 122).

Lançando nosso olhar para a modernidade, a visão sobre o belo torna-se relativa e modificada de acordo com o contexto histórico, como destaca Santos (2017):

O belo, que ao mesmo tempo é eterno, invariável é também relativo, circunstancial. É eterno, pois a partir do momento em que o artista e/ou o poeta registra em sua obra uma determinada época com todas as suas características, ele torna aquele instante eterno na sua obra. O belo é transitório, porque aquelas características, aquelas modas pertenciam àquele momento da história e não necessariamente pertence ao tempo presente, a modernidade. Essa dualidade do belo, que é ao mesmo tempo eterno e relativo, é de vital importância para a obra de arte, pois uma não existe sem a outra. (SANTOS, 2017, p.4)

A realidade pós-guerra exerceu grande influência sobre a visão que a modernidade tinha sobre muitas coisas, inclusive sobre o Belo e a arte, como explica Vanspanckeren (1994):

A grande onda cultural do modernismo que emergiu gradualmente na Europa e nos Estados Unidos no início do século 20 expressou o sentido da vida moderna através da arte como rompimento brusco com o passado e as tradições clássicas da civilização ocidental. (VANSPANCKEREN, 1994, p. 63)

Assim, é possível observar um contraste, a modernidade rompe com o tradicional. Além disso, diferente da antiguidade grega que via a arte como imitação, em que não era permitido fugir das regras estabelecidas, na modernidade existe um destaque para a criatividade do poeta, ou seja, a expressão de sua subjetividade, conforme destaca Santos (2017, p. 02):

O poeta sente o mundo e, ao sondar as coisas sentidas, busca expressar em palavras as imagens percebidas pela imaginação. A percepção poética quer, pois, recriar a totalidade do objeto em estado de poesia e cada poeta apresenta o mundo de maneira diferente. Alguns preferem trabalhar com as imagens, outros com a musicalidade, o ritmo, e isso depende da sensibilidade de cada um. Nessa perspectiva, o texto poético é uma criação autônoma da mente expressa em palavras, e a poesia caracteriza-se por sua capacidade de condensar, de dizer muito em poucas palavras, levando a que tudo no poema esteja interligado e que a ordem em que as palavras aparecem seja muito importante. Pode-se dizer, ainda, que a poesia é criação do belo. (SANTOS, 2017, p.2)

Diante das reflexões iniciais com enfoque nos teóricos mencionados, e da inclusão de outros autores e autoras, este trabalho buscou expor diferentes concepções do belo, analisando em que medida esse elemento influenciou a criação artística moderna, mais especificamente a poesia da *Lost Generation*.

3. O BELO NA POESIA MODERNISTA E O POEMA *IN A STATION OF METRO*

A *Lost generation*, ou geração perdida de escritores, como foi citado anteriormente, foi assim intitulada por ser a geração que viveu após a Primeira Guerra Mundial, carregando os traumas, desilusões e pessimismo, característicos dessa época, o que reflete diretamente na arte criada pelos autores desse período. Sobre o modernismo nos Estados Unidos, VanSpanckeren (1994) acrescenta:

A grande onda cultural do modernismo que emergiu gradualmente na Europa e nos Estados Unidos no início do século 20 expressou o sentido da vida moderna através da arte como rompimento brusco com o passado e as tradições clássicas da civilização ocidental. A vida moderna parecia radicalmente diversa da tradicional — mais científica, rápida, tecnológica e mecanizada. O modernismo abraçou essas mudanças. (VANSPANCKEREN, 1994, p. 63)

A literatura modernista possui também características específicas que eram comuns aos autores, tanto na prosa quanto na poesia. Carolina Marcello [s.d], mestre em estudos literários, cita algumas dessas características:

Na literatura, o legado dos modernistas foi valioso. Cansados de ver sempre os mesmos temas e as mesmas formas no fazer literário, eles queriam quebrar com as tradições, promovendo uma liberdade formal e estética. Esses valores se manifestavam, por exemplo, através do verso livre e no uso da pontuação. Outro traço marcante do movimento é o modo como valorizava os temas do cotidiano, os trazendo para a prosa e a poesia. Muitas vezes, essas temáticas eram acompanhadas por um tom humorístico e / ou um registro de linguagem próximo da oralidade. (MARCELLO [s.d.])

Scruton (2013) analisa alguns aspectos do poema *The waste land* de T. S. Eliot, destacando que o poema aponta para um “vazio”, descrevendo a cidade como um “deserto sem alma”. Segundo ele, a própria capacidade de reconhecer essa condição e expressar da forma que o autor faz no poema, é uma espécie de redenção pela arte, uma vez que aponta para a reflexão e instiga o pensamento de que existe outra forma de ser.

Nossa capacidade de dizer a verdade de nossa condição em palavras medidas e melodias tocantes possibilita uma espécie de redenção. Por

exemplo, *The waste land*, de T. S. Eliot, obra mais influente da literatura inglesa do século XX, descreve a cidade moderna como um deserto sem alma: fá-lo, porém, por meio de imagens e alusões que afirmam aquilo mesmo que a cidade nega. Nossa própria capacidade de realizar esse julgamento é o que o refuta por completo. Se somos capazes de assimilar a vacuidade da vida moderna, é porque a arte aponta para outra forma de ser - e o poema de Eliot realiza precisamente isso. (SCRUTON, 2013, p. 177)

Assim, entende-se que, na modernidade, ainda acreditava-se na importância da beleza para a arte; no entanto, diferente da antiguidade grega, os artistas modernos traziam o elemento da beleza em contraste com o grotesco, expressando o significado pretendido de forma que resulta em algo belo e apreciável.

The Waste Land pertence à tradição das *Fleurs du Mal* de Baudelaire, da *Madame Bovary* de Flaubert e do *Golden Bowl* de James. Ela descreve o que é rude e sórdido com palavras tão ressonantes do contrário, tão capazes de sentir, compadecer-se e entender, que a forma de vida mais vil acaba sendo indicada pela resposta que lhe damos. Essa "redenção pela arte" só ocorre porque o artista almeja a beleza em sentido estrito. É esse o paradoxo da cultura do *fin-de-siècle*: ela continuou a acreditar na beleza ao mesmo tempo em que se concentrou em todas as razões que a levaram a duvidar de que a beleza poderia ser alcançada fora da esfera artística. (SCRUTON, 2013, p. 178)

O escritor cujo poema será analisado é Ezra Pound (1885 - 1972), e segundo Vanspanckeren (1994), ele foi um dos poetas modernistas com maior influência. Pertencente à chamada *Lost Generation*, viveu em Londres, onde trabalhou com outros escritores como William Butler Yeats e T. S. Eliot. Além disso, trabalhou como editor colaborador da revista *Poetry*. De acordo com a mesma autora, Pound defendia a nova escola poética denominada de Imagismo, “que buscava uma apresentação clara e visual” (VANSPANCKEREN, 1994, p. 64-65).

Tendo por base o conceito e panorama apresentados, apresentamos, a seguir, uma breve análise do poema:

In a Station of the Metro (POUND, 1913)

The apparition of these faces in the crowd:

Petals on a wet, black bough.

Numa estação de Metrô

A aparição destas faces na multidão:

Pétalas num ramo orvalhado e escuro.

(POUND, 1913. Tradução de Fábio Malavoglia)

Algumas características da poesia modernista e do imagismo, ambas citadas anteriormente, se fazem presentes na obra de Ezra Pound, como exemplifica Vanspanckeren (1994, p.65):

A poesia de Pound é famosa pelas imagens visuais claras, ritmo novo, linhas musculares, inteligentes e incomuns, como no Canto LXXXI: “A formiga é um centauro em seu mundo de dragão”, ou em poemas inspirados no haikai japonês, como “*In a Station of the Metro*” [Numa Estação do Metrô] (1916) (VANSPANCKEREN, 1994, p. 65).

Como posto pela autora supracitada, Pound se inspira para esse poema em um gênero de poesia com forma fixa japonês chamado de *haikai*; porém ele não obedece todas as regras, uma vez que um *haikai* é composto por três versos ao invés de dois, como no poema modernista citado. Isso pode ser explicado pela visão modernista que advogava a liberdade para o artista, o que estava acima de regras pré-estabelecidas e restritas de como a arte deveria ser criada. “O viés crítico na modernidade passa pela ideia de um questionamento à tradição por meio de um olhar reflexivo em busca do alinhamento aos temas artísticos a partir do século XX.” (PEREIRA, 2012, p. 02).

O uso de versos livres e a ausência de rimas evidenciam essa característica modernista, como ressalta Pereira (2012):

A presença de temas extraídos do contemporâneo, na linha teórica desenvolvida por Baudelaire (1999), resulta na adoção de uma temática retirada do cotidiano e materializada em procedimentos estéticos mais flexíveis que dão à lírica moderna uma maior liberdade face à rigidez dos padrões clássicos. Esta postura assume o uso do verso livre. (PEREIRA, 2012, p. 3)

Outro ponto a ser destacado é a ausência de verbos no texto, escrito propositalmente apenas com frases nominais, que trazem a ideia de cenário estático, apenas contemplação, uma vez que não expressa ações. Assim, o autor imprime no texto as suas sensações e expressa o que ele sentiu ao contemplar, nesse contexto histórico e cultural particular, uma específica estação de metrô. Diferentemente da arte mimética da antiguidade grega, o artista moderno expressa o belo extraído daquilo que vê, ao invés de puramente imitar o que vê para então representar algo considerado belo. Almeida (2005) citando o modernista Baudelaire, explica essa visão que pode ser encontrada na poesia analisada:

Segundo Baudelaire, o artista é, em si, um tradutor e o espectador deverá traduzir a tradução do artista. Se o artista, ao elaborar sua obra,

está fazendo uma tradução da realidade por ele vivenciada ou sonhada, essa tarefa distancia-se totalmente da cópia da natureza, e a intenção da arte é mesmo a de estabelecer o distanciamento da realidade ou da natureza, no sentido de fugir das garras da imitação e possibilitar que as imagens registradas na memória expressas na obra de arte, recriem a natureza a partir da tradução feita pelo artista. (ALMEIDA, 2005, p. 17)

Diante disso, é possível afirmar que o poema expressa um sentimento de esperança. Mesmo sendo um “ramo orvalhado e escuro” o que remete à tristeza, frieza e escuridão, os rostos que aparecem são comparados a pétalas porque carregam uma certa beleza inesperada em meio ao rotineiro cenário de uma estação de metrô. Assim, faz-se necessária a contemplação desinteressada diante do cotidiano para que seja despertado o sentimento que o poema carrega. Como destaca Mamede (2016, p. 1):

Acessar o belo exige retermo-nos no objeto de contemplação e, para tanto, é o ócio inútil a instância da vida humana capaz de permiti-lo, não o labor, não o trabalho, pois que estes, como já alertava Hannah Arendt, estão comprometidos com a utilidade. (MAMEDE, 2016, p. 1)

O poema aponta para a beleza do cotidiano, algo que vale a pena ser contemplado em meio ao comum que passa despercebido na rotina frenética da vida moderna. O tédio, o pessimismo e a falta de propósito, características da vida moderna pós-guerra podem ser associados com os adjetivos do ramo “orvalhado e escuro”, ou seja, existia a sensação de mais uma atividade maçante em um dia comum vivenciado pelo eu-lírico, mas isso é quebrado pelo vislumbre dos rostos que são comparados com pétalas. O contraste entre o belo e o grotesco é bastante presente na arte modernista, segundo Santos (2017). Partindo das leituras apresentadas, é possível perceber que esse é um dos elementos que o poema modernista *In a station of metro* expressa. Afirmo o mesmo autor:

O poeta sente o mundo e, ao sondar as coisas sentidas, busca expressar em palavras as imagens percebidas pela imaginação. A percepção poética quer, pois, recriar a totalidade do objeto em estado de poesia e cada poeta apresenta o mundo de maneira diferente. Alguns preferem trabalhar com as imagens, outros com a musicalidade, o ritmo, e isso depende da sensibilidade de cada um. Nessa perspectiva, o texto poético é uma criação autônoma da mente expressa em palavras, e a poesia caracteriza-se por sua capacidade de condensar, de dizer muito em poucas palavras, levando a que tudo no poema esteja interligado e que a ordem em que as palavras aparecem seja muito importante. Pode-se dizer, ainda, que a poesia é criação do belo. (SANTOS, 2017, p.2)

Ao descrever uma situação cotidiana, utilizando uma linguagem simples, o poema transmite a subjetividade e a perspectiva do eu-lírico, expressando algo

apreciável, em outras palavras, beleza no ordinário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, foram apresentados conceitos atribuídos ao elemento do belo na arte, da antiguidade grega até a modernidade, incluindo também autores de outros períodos históricos que contribuíram para o tema. Diante dos textos lidos, notou-se que na antiguidade grega o belo era tido como algo harmonioso que, desde que obedecesse às regras pré-estabelecidas, entendia-se que provocaria prazer ao ser contemplado. Por outro lado, na modernidade, a visão sobre a criação artística se modificou, uma vez que se valorizou a criatividade e expressão da subjetividade do artista acima das regras; entretanto, o elemento do belo continuou presente entre os teóricos, que passaram a utilizar um contraste entre o belo e o grotesco.

Em seguida, foi apresentada a análise do poema *In a station of metro* do escritor modernista Ezra Pound (1885 - 1972), sobre o qual foi possível considerar que, dadas as modificações sofridas pelo conceito, o elemento do belo pode ser associado com a possível interpretação do poema aqui apresentada, em que o belo não está em obediência a regras fixas, mas na potencial beleza das inconsistências e incertezas do cotidiano moderno, caótico. Espera-se que a realização desta pesquisa contribua para o desenvolvimento de outras, de outras análises cujos objetivos sejam pensar esse conceito na arte, na literatura e nas linguagens.

Finalizamos esta análise sobre o belo na poesia em tela, na compreensão de que “*In a Station of the Metro*”, em suas catorze palavras (texto original em língua inglesa) e na sua composição livre de regras, carrega a beleza do cotidiano, mesmo que marcado por contradições, confusões, decepções e desencontros, elementos comuns presentes nas obras dos autores da *Lost Generation of Writers*, a exemplo do poeta aqui em destaque: Ezra Pound, lembrando que o sentido do belo está no olhar de quem atentamente observa a vida e seus diversos (des)encantos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Gorete de. **A modernidade poética em Charles Baudelaire e em Walter Benjamin**. Orientador: Prof. Dr. Dilmar Santos de Miranda. 2005. 115 p. Dissertação de mestrado. Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza, 2005.

GARCIA, José Roberto. VELOSO, Valdecir da Conceição. **Eureka: construindo cidadãos reflexivos**. Florianópolis: Sophia, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAI-KAIS no Ocidente: Ezra Pound - Numa Estação de Metrô. **Cultura FM**, 2015. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/hai-kais-no-ocidente-ezra-pound-numa-estacao-de-metro> > Acesso em 18 de Out. de 2022

MAMEDE, Walner. **Penso, logo insisto...e resisto: O belo, o inútil e a poesia**. Walner Mamede Blogspot. 2016. Disponível em: <https://walnermamede.blogspot.com/2016/05/o-belo-o-inutil-e-poesia.html> > Acesso em 14 de outubro de 2022.

MARCELLO, Carolina. O que foi o Modernismo?. **Site Cultura Genial**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/modernismo/> > Acesso em 06 de Setembro de 2022.

MORTON, Sunny Jane. The Lost Generation: Who They Are and Where The Name Came From. **FamilySearch Blog**, 2020. Disponível em: <https://www.familysearch.org/en/blog/who-is-the-lost-generation> > Acesso em 24 de Maio de 2022.

NOUGUÉ, Carlos. O Belo e a Arte segundo Platão. **Revista de Magistro de Filosofia**, ano vi nº, 2010.

PEREIRA, Danglei de Castro. A Lírica Moderna: Diálogos e Permanência. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**. Volume 23 (set. 2012) Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/> >

POUND, Ezra. **Poems of Lustra: 1913-1915**. In: Personae. The shorter poems. Org. p. L. Baechler e A. W. Litz. New York: New Directions, 1990.

SANTOS, K. D. A poesia e o conceito de beleza até a modernidade francesa. **Boletín Galego de Literatura**, n. 51, 2017

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: Editora É Realizações, 2013

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. Publicado pelo

Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994.